

CAMINHOGRAFIAS URBANAS NOS CONFINES DA AMÉRICA DO SUL: Descolonização do Saber e Resistência nas Margens Urbanas da América do Sul

EDUARDO DA SILVA E SILVA¹; GABRIELA DROPPA TRENTIN²; LUANA PAVAN
DETONI³; TAÍS BELTRAME DOS SANTOS⁴; EDUARDO ROCHA⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – duardsv@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – gd.trentin@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – luanadetoni@gmail.com

⁴Universidade Federal do Rio Grande do Sul – taisbeltrame@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – eduardo.rocha@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho parte do reconhecimento da centralidade das culturas dos povos e comunidades tradicionais que habitam distintos territórios na América do Sul — como indígenas, quilombolas, extrativistas, ribeirinhos, caboclos e pescadores artesanais — para afirmar a urgência de se romper com paradigmas coloniais que historicamente marginalizam esses saberes. Financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)¹, o projeto de pesquisa² propõe um movimento insurgente de valorização e visibilização das práticas culturais, modos de vida e formas próprias de organização desses grupos, que em grande parte se localizam às margens de corpos d'água e das lógicas urbanas dominantes.

Desenvolvido nas cidades de médio porte de Marabá (PA) e Pelotas (RS), no Brasil, e Comodoro Rivadavia, na Argentina, o estudo inspira-se em referenciais como Martín-Barbero (2014) e Chssalla (2020), para defender uma perspectiva de descolonização do conhecimento. Trata-se de deslocar o eixo da produção de saber das metrópoles e centros acadêmicos tradicionais para os territórios vivos onde práticas ancestrais e experiências comunitárias resistem e se reinventam. Por meio de metodologias como o mapeamento territorial, a caminhografia urbana, a pesquisa busca aprofundar a compreensão sobre as dinâmicas culturais, econômicas e produtivas dessas populações. Mais do que diagnosticar, o projeto propõe a construção de políticas públicas mais sensíveis às realidades locais, que reconheçam e fortaleçam os protagonismos desses sujeitos históricos.

Em Pelotas, as ações vêm sendo conduzidas pelos professores Eduardo Rocha, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, e Eduarda Gonçalves, do Centro de Artes da UFPEL. Em Marabá, as atividades foram coordenadas pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), enquanto em Comodoro Rivadavia a pesquisa avança sob a coordenação da Universidad Nacional de la Patagonia San Juan Bosco. O projeto se desenvolve ao longo de três anos, estruturado em etapas complementares que orientam o percurso investigativo e coletivo: o primeiro ano, denominado **Encontrar**, dedica-se ao reconhecimento dos territórios e ao estabelecimento de vínculos com as comunidades; o segundo, **[Trans]criar**, concentra-se na elaboração de práticas colaborativas e experimentações artísticas e urbanas; e o terceiro, **Produzir**,

¹ Chamada Pública MCTI/CNPq no 14/2023 Apoio a Projetos Internacionais de Pesquisa Científica, Tecnológica e de Inovação e; Chamada CNPq/MCTI No 10/2023 - UNIVERSAL, Faixa B - Grupos Consolidados.

² Ver mais em: <https://wp.ufpel.edu.br/confins/>

busca consolidar os aprendizados em ações, registros e proposições que possam contribuir para políticas públicas e para a valorização das culturas locais.

As caminhografias realizadas especialmente em Pelotas e Marabá têm revelado um mapeamento rico das interações cotidianas entre as comunidades e seus territórios, evidenciando modos de subsistência, práticas culturais e desafios urgentes, com destaque para a falta de políticas públicas básicas de saneamento e infraestrutura. Esses registros permitem identificar tanto padrões quanto singularidades que exigem respostas específicas e inclusivas.

Além disso, tornam visível a resistência das populações frente a processos históricos de marginalização, revelando saberes locais, redes de solidariedade e estratégias coletivas de permanência que muitas vezes escapam às narrativas oficiais. Tal vínculo com o território está profundamente entrelaçado às dinâmicas do clima e aos ciclos das águas, que determinam tanto práticas de manejo quanto estratégias de adaptação diante das enchentes e secas.

No contato direto com rios, canais e margens, evidencia-se ainda a dimensão espiritual dessas relações: em Pelotas, nas práticas religiosas que buscam o encontro com as águas como lugar de purificação e força coletiva, como os festejos que celebram a Nossa Senhora dos Navegantes; em Marabá, na continuidade de rituais que reafirmam a ligação ancestral com o rio Tocantins, rio é palco de procissões fluviais, onde embarcações enfeitadas navegam em honra a santos padroeiros. Essas celebrações demonstram a intersecção da fé cristã com as tradições ribeirinhas, reafirmando a sacralidade das águas.

Em Comodoro Rivadavia, a próxima etapa da pesquisa incluirá caminhografias, oficinas e encontros com comunidades e gestores públicos, ampliando a escuta e a articulação entre as águas oceânicas e a cidade. Nesse processo, busca-se compreender como as relações estabelecidas com o litoral revelam práticas de cuidado, pertencimento e adaptação às transformações climáticas e urbanas. Assim, as margens deixam de ser vistas apenas como zonas de vulnerabilidade e passam a ser reconhecidas como territórios de memória, espiritualidade e resistência, essenciais para a vitalidade comunitária e para a reexistência diante das pressões socioambientais contemporâneas.

2. METODOLOGIA

A metodologia adotada neste projeto fundamenta-se na Caminhografia Urbana, concebida como uma prática de investigação sensível que articula dois movimentos indissociáveis: a cartografia e o ato de caminhar (Rocha; Santos, 2024). A dimensão cartográfica encontra respaldo na filosofia da diferença de Deleuze e Guattari, que propõem um mapa aberto, rizomático e conectável, distanciando-se do modelo tradicional de representação fixa e estática (Deleuze; Guattari, 1997). Já o caminhar inspira-se no conceito de transurbância, formulado por Francesco Careri (2014), sendo compreendido não apenas como deslocamento físico, mas como gesto político e crítico, capaz de tensionar fronteiras, questionar narrativas hegemônicas e instaurar novas formas de relação com o território.

Portanto, a Caminhografia configura-se aqui como uma abordagem que busca explorar o ambiente urbano a pé, em conjunto com o registro e mapeamento das experiências, unindo o ato de caminhar à criação de mapas ou registros sensíveis (ROCHA; DEL FIOLE; SANTOS, 2024), para romper com métodos tradicionais de leitura da cidade, ao reconhecer o corpo como ferramenta de conhecimento e o território como produtor de subjetividades. Ao caminhar, o

corpo não se limita à condição de observador, mas atua como agente que sente, registra e interpreta os afetos que emergem na relação com o ambiente, seja por meio das paisagens, sons, encontros, ausências ou presenças. Trata-se, assim, de uma prática de escuta e de envolvimento com o território, que mapeia, desenha, fotografa, filma, narra e dialoga com a cidade a partir da experiência encarnada do caminhar. Nessa perspectiva, a cidade deixa de ser entendida como um espaço homogêneo e dado, revelando-se como campo de disputas simbólicas e materiais, onde se inscrevem as marcas de resistência e criação dos sujeitos que a habitam, sobretudo daqueles historicamente invisibilizados pelas políticas urbanas hegemônicas.

No âmbito desta pesquisa, a caminhografia urbana será mobilizada como principal instrumento para o mapeamento colaborativo de comunidades tradicionais em áreas urbanas e periurbanas, em especial aquelas situadas próximas a corpos d'água, onde se entrelaçam dimensões materiais, climáticas e espirituais. Para além do trabalho de cartografia em campo, o projeto promove também o diálogo com redes de pesquisadores, organizações sociais e gestores públicos, por meio de seminários e encontros voltados à construção de políticas públicas mais justas, inclusivas e territorializadas, capazes de reconhecer a centralidade das comunidades em seus próprios processos de existência e reexistência.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo do primeiro ano de pesquisa, **Encontrar**, destacaram-se os diversos registros produzidos como vídeos, entrevistas, fotografias, relatos textuais e manifestações artísticas, que vêm sendo organizados, revisados e catalogados como acervo de apoio analítico e pedagógico. Esses materiais ofereceram múltiplas camadas de leitura das experiências vividas nas caminhadas, revelando territórios em constante negociação simbólica e material. Além dos materiais produzidos pelos pesquisadores diretamente relacionados à pesquisa, oficinas, conversas e percursos compartilhados, vêm fortalecendo vínculos entre diversos cursos da universidade e a comunidade e estabelecendo um campo colaborativo que ultrapassa os limites da pesquisa, conectando saberes populares com diferentes áreas do conhecimento formal e popular.

O segundo ano, **[Trans]criar**, intensificou a dimensão interdisciplinar do projeto, com a participação de estudantes e docentes dos cursos de Geografia, Pedagogia e Arquitetura e Urbanismo da UFPEL. Destacam-se as caminhadas nas chamadas “bordas molhadas” de Pelotas, especialmente nos entornos do canal São Gonçalo, cujos registros cartográficos e reflexivos estão permitindo uma releitura crítica da relação entre cidade e água.

As entrevistas realizadas com comunidades tradicionais, como o Quilombo Alto do Caixão em Pelotas e a Aldeia Indígena Terra Mãe Maria em Marabá, revelaram-se essenciais para desconstruir estigmas historicamente consolidados sobre esses territórios. A partir das falas coletadas, emergem identidades complexas e dinâmicas, que articulam a valorização de práticas ancestrais com modos contemporâneos de organização espacial, sociabilidade e resistência. Esses relatos evidenciam comunidades que, longe de permanecerem fixadas em uma visão folclorizada ou imobilizada no tempo, seguem ativamente produzindo seus espaços, reinventando formas de pertencimento e enfrentando, com estratégias próprias, as pressões impostas pelo avanço do capital urbano e mercadológico.

O material coletado está em processo de transcrição e análise, contribuindo não apenas para a compreensão das transformações territoriais em curso, mas também para o desenvolvimento de outras pesquisas, ampliando o escopo e a potência crítica do projeto. Com a conclusão dessa etapa, o trabalho avançará para sua fase de sistematização e devolutiva pública: serão realizadas publicações, apresentações em seminários e exposições, além do lançamento de um e-book com os resultados do projeto, consolidando o compromisso com a democratização do conhecimento e a valorização dos saberes que emergem das margens.

4. CONCLUSÕES

Em síntese, torna-se evidente que os saberes tradicionais, historicamente marginalizados, não apenas expressam modos de vida enraizados em uma relação sustentável com os ciclos das águas, mas também resistem à lógica hegemônica que busca expulsá-los em nome da especulação imobiliária e da gentrificação das margens. As comunidades ribeirinhas, ao compreenderem as cheias, vazantes, ventos e chuvas como parte constitutiva do território, constroem habitações adaptáveis, preservam áreas abertas para cultivo e criação, mantendo o uso coletivo dos espaços, mesmo diante de processos de privatização.

Em contraposição, os empreendimentos urbanos contemporâneos desconsideram essas dinâmicas, impondo uma racionalidade que intensifica desigualdades socioambientais e apaga práticas de convivência que, por séculos, souberam harmonizar-se com o ambiente. Assim, a disputa em torno das águas é também uma disputa política e ética: de um lado, a defesa da vida e da dignidade dos povos que nelas habitam; de outro, a imposição de um modelo urbano que privilegia a mercantilização do território em detrimento da justiça social e ambiental.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ROCHA, E.; SANTOS, T. B. dos. (2023). **Como é a Caminhografia Urbana? Registrar, jogar e criar na cidade**. Arquitextos, 281, ano 24, São Paulo, out. 2023.

ROCHA, Eduardo; SANTOS, Taís Beltrame dos; DEL FIOLE, Paula Pedreira. **Registrar, jogar e criar: a caminhografia nos processos de transcrição da cidade**. Revista GEARTE, v. 11, 2024.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. 1. ed. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.